Jornal defensor dos interêsses de Guimarães e o de maior tiragem e ex

Sociedade Martins Sarmento

GUIMARÃES

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 871

GUIMARÃES, 10 de Outubro - 1948

Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4018

Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4017

Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

A LIMPEZA DA CIDADE

Entretanto que ficamos a esperar a explicação do caso estranho e — afoita e conscientemente o afirmamos — *injustificável* da omissão da obra dos Paços do Concelho no plano de actividade da Câmara para 1949, não nos será levado a mal que façamos umas ligeiras referências a outros dos seus aspectos, usando da faculdade, que é mais dever do que direito, de análise e crítica que a Constituição, bem interpretada, garante, ao considerar a opinião pública como elemento fundamental da política e administração do País.

E nunca será de mais lembrar a governantes e governados o alto princípio, profundamente certo e necessário, que a Constituição estabeleceu, de que é a opinião pública factor imprescindível a atender no exercício dos poderes do Estado. A governantes, para que nunca deixem de ter presente na concepção das suas decisões a ideia de que é na vontade e no interesse do povo que administram que reside a essência criadora da sua autoridade; a governados, para que não se imbecilizem na contemplação búdica dos seus prazeres mais próximos e mais boçais, chamando-os para a vida pública, despertando-lhes o interesse pela forma como são administrados e forçando-os a pensar, estudar e a desempedernir as suas faculdades intelectuais.

O que hoje desejamos salientar é a inserção no plano da verba, por sinal bem exígua, de 75 contos para um projecto de saneamento e esgotos. Desta vez, aplaudimos, sincera e abertamente, não pelo que os 75 contos pràticamente possam produzir no sentido da realização de tão instante necessidade para Guimarães, mas porque o facto de eles serem inscritos demonstra haver na Câmara quem sinta e reconheça que uma cidade como a nossa não deve, a bem da civilização e do seu legítimo brio, prestar-se a ser considerada como a capital da porcaria e, a bem da saúde pública, como foco permanente de infecção.

Percorrendo de lés a lés o país, dificilmente se encontrará uma povoação tão suja, tão mal cheirosa e onde os habitantes tão mal habituados estejam à prática dos mais elementares preceitos da higiene e do asseio.

A' frente do nosso município temos um médico distinto ao qual, pelos primores da sua educação e pelas aptidões especiais da sua cultura, mais do que a qualquer outro repugnará não contribuir com a sua influência que deve ser muita, com a sua competência que é enorme e com a sua boa vontade de ser útil a Guimarães que supomos inexcedível, para promover que a obra do saneamento da cidade se inicie em termos de prosseguir até cabal conclusão.

Evidentemente, seria ridículo julgar que um empreendimento desta natureza pudesse ser tomado a sério com a votação de uma verba inicial de 75 contos. Essa diminutíssima quantia, inscrita no orçamento municipal, vale, porém, imenso como símbolo e como protesto de que a ideia do saneamento germina e se radica no cérebro e no coração da nossa edilidade. E para já, visto que há tantos anos assistimos, desolados, à inércia administrativa com respeito a melhoramento de tão essencial necessidade, os 75 contos votados por unanimidade pela ilustre vereação com o parecer favorável do não menos ilustre conselho municipal, consola-nos e dá-nos alento e coragem para novas e, porventura, mais largas aspirações.

Saneamento sem água é impossível e nós, os da cidade, pràticamente, mal dispomos de umas gotas para os nossos gastos domésticos nestes meses de canícula em que mais penoso se torna não nos lavarmos, quanto mais para a torrente que será necessário introduzir nos canos de esgoto.

Mas água vamos ter com fartura e em breve, desde que se condoa de nós o Senhor Ministro das Finanças, pois, entre tantas e tão graves questões a decidir a todos os momentos, se há-de lembrar de dar expediente ao processo do empréstimo solicitado pela Câmara. E o resto virá, sem dúvida, a seu tempo, não com 75 contos mas com alguns milhares a mais.

Como medidas preliminares e comezinhas mas de utilidade imediata não esqueçamos, porém, que alguma coisa se pode fazer e desde já. Por exemplo: impedir que as ruas continuem a ser a lixeira dos habitantes da cidade, instituindo a obrigação do caixote do lixo e o serviço da carroça de limpeza que, diàriamente e a horas convenientes, os esvazie e leve para longe as imundícies que nos infestam; esse serviço existe em terras bem modestas do nosso país, bem pobres, de rendimentos bem mesquinhos comparados com os nossos; terras que nos encantam pelo asseio, pela higiene, pela brancura das suas casas e pela limpeza dos seus arruamentos. Acabar com as pocilgas no interior da cidade e com as montureiras que desde há séculos existem em cada uma das nossas habitações citadinas; há meios de ir substituindo as estrumeiras por fossas higiénicas, mesmo antes de estabelecida a rede de esgotos, para o que bastará a pouca água de que dispomos durante uma grande parte do ano e sujeitando-nos aos espedientes de ocasião, para o que não faltam poços e fontes, nos meses em que falha a água da Penha. Limpar constantemente as vielas onde mais se amontoam os dejectos das casas que as limitam e reprimindo os habitantes que para elas os lançam. Olhar com olhos de ver, embora tapando o nariz, para muita porcaria que, ao abrir-se de qualquer porta em certas ruas, logo se nos depara e que torna esta cidade um foco de imundície e uma vergonha para os vimaranenses; ainda há pouco, pelas festas da cidade, com milhares de visitantes cá dentro, que nos apreciam, e ao desejarmos transitar por arruamentos mais escusos para fugirmos à multidão mas que ficam a meia dúzia de metros das praças principais da cidade, tivemos de desistir, vexados porque nos acompanhavam pessoas estranhas, tal o cheiro nauseabundo que se sentia e o espectáculo repelente que se nos escancarava no interior de algumas casas cujas portas, sem pejo nem consciência da nojentice, eram mantidas abertas.

Mil aplausos, pois, pela inserção dos 75 contos para o projecto do saneamento e, concomitantemente, mil súplicas por mais um pouco de cuidado e de boa vontade, a fim de se limpar e conservar limpa esta cidade, que é das mais belas e imponentes do país, e para se educar nas regras da higiéne e asseio este povo, que é do de mais nobre estirpe da raça portuguesa.

M.

A Diocese da GUARDA recebeu triunfalmente o Senhor D. Domingos da S. Gonçalves

Foi verdadeiramente apoteótica a recepção que a Cidade da Guarda prestou, na passada quinta-feira, ao seu novo Prelado, o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, que até ali foi acompanhado, desde esta cidade, sua Terra Natal, por muitas dezenas de conterrâneos — amigos e admiradores das suas excelsas virtudes.

A Diocese distante, que ansiosamente esperava desde o dia memorável da Sagração Episcopal o seu novo e Venerando Pastor de Almas, acolheu carinhosa e fidalgamente o Senhor Bispo, que não tardará muito a iniciar a sua acção, que todos esperamos será coroada do melhor êxito, a bem da Causa que serve e à qual se tem dedicado ardorosamente.

Repicaram alegremente os sinos dos campanários e toda a gente saudou respeitosa e entusiàsticamente o Senhor D. Domingos, rendendo-lhe o preito da sua admiração e da sua vassalagem.

Depois da recepção triunfal, em que muitos milhares de almas tomaram parte, numa manifestação espontânea de alegria, realizaram-se na Sé os actos soleníssimos e imponentes que terminaram com um Te-Deum.

Todos oraram então pelas prosperidades do Senhor D. Domingos, para que seja longo e fecundo o seu apostolado na Diocese cujos destinos acabam de ser-lhe confiados.

A tais votos nos associamos, nós que temos pelo Ilustre Sacerdote aquela grande admiração que nos merecem todos quantos querem e sabem lutar pelo Bem da Humanidade.

De Guimarães à Guarda

O Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves foi acompanhado de Guimarães à cidade da Guarda por numerosas individualidades — umas 200 pessoas — contando-se entre elas algumas Senhoras Vimaranenses.

Pouco depois das 14 horas daquele dia, fez-se a concentração em Fornos de Algodres, perto do Seminário que ali existe e pertence à Diocese de Viseu, onde o Bispo desta mesma Diocese ofereceu ao novo Prelado da Guarda um almoço íntimo.

Meia hora depois o cortejo — longo cortejo de mais de 100 automóveis — punha-se em marcha lenta a caminho da cidade da Guarda. A' distância de uns 40 quilómetros começaram já as manifestações de carinho com que o Senhor Bispo foi recebido.

As freguesias da Diocese vieram, o seu povo com o seu pároco, até junto da estrada para saudarem o Senhor D. Domingos; viam-se de quando em quando colgaduras nos solares e colchas mais modestas nas casas mais humildes. O povo batia palmas e dava vivas, no espaço estralejavam foguetes, os campanários distantes repicavam e ouviam-se acordes musicais. Pela estrada fora, de longe a longe, grandes panos atravessados saudavam: "Bendito o que vem em nome do Senhor", "Viva o Senhor D. Domingos", etc.

O percurso foi demorado, porque o povo por vezes interrompeu por longo tempo a marcha do carro em que seguia o Prelado, juntamente com os Senhores D. José da Cruz Moreira Pinto, Bispo de Viseu e D. João de Oliveira Matos, Bispo Auxiliar da Guarda.

A recepção foi imponente

Junto à barreira da cidade da Guarda, formou-se o cortejo. Ali estavam milhares de pessoas de todas as camadas sociais; Corporações civis e religiosas com o Seminário, Clero da Diocese e Cabido. Ali surgiram também os Rev.mos Senhores D. Manuel Trindade Salgueiro, Bispo de Helianopole e D. José do Patrocínio Dias, Bispo de Beja.

Os Prelados caminharam na cauda do extenso e imponente cortejo e seguiam-nos os Senhores Governadores Civis da Guarda, Dr. Ernesto Pereira e de Braga, Major Armando Nery Teixeira; o Presidente da Câmara da Guarda, Dr. Alberto Dinis da Fonseca; o Presidente e Vereadores da Câmara de Guimarães, Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Comendador Alberto Pimenta Machado e João Martins da

Conclui na 3.ª página.

O apostolado do P.e Cruz

durante a vida e na morte

Em Portugal toda a gente medianamente ilustrada, de quaisquer crenças religiosas, ou sem religião nenhuma, bem como todos os que não sabem ler, mas têm coração, sentiram a morte do mais caritativo e bondoso dos portugueses dos últimos séculos.

A vida deste «Santo popular» anda agora impressa em numerosas pagelas e já era conhecida de muitas pessoas das suas relações e de outras. Essas pagelas não são feitas de lendas, mas de factos autênticos, de alguns dos quais tenho conhecimento incontroverso, como por exemplo, o do combóio não poder andar de Mirandela para Bragança sem que o Rev. P.e Cruz lá entrasse, sem pagar o bilhete, por ter gasto todo o dinheiro que levava com os pobres. Deste facto foi quase testemunha o Dr. Cagigal, meu concunhado, ao tempo médico em Bragança e médico dos caminhos de Ferro. Quando perguntavam ao P.e Cruz se eram verdadeiros estes ou aqueles

casos, milagrosos, ou quase milagrosos, ele não dizia que sim, nem que não, desviava muito hábil, humilde e santamente a conversa: isto presenciei eu algumas vezes. Durante os 20 anos em que o tratei tive ocasião de admirar as suas belas qualidades morais, a sua humildade, a sua grande memória, a sua lúcida inteligência, a sua ciência teológica, a sua imensa devoção e caridade para com Deus e para com os homens, sobretudo para com os mais infelizes. Se não estava a ler o breviário, ou a escrever a sua correspondência, ou a atender alguma pessoa, quando se sentia melhor, estava sempre a rezar o Rosário e até quando estava de cama quase que não fazia outra coisa; e, em quanto pôde, levantava-se sempre de noite para rezar, às vezes mesmo contra a vontade do médico.

No dia do funeral contou-me um amigo muito querido do Sr. P.e Cruz e também meu amigo uma cena passada com ele e que prova bem o grande horror que o Sr. P.e Cruz tinha ao pecado, especialmente ao pecado mortal. Os negócios tinham corrido mal a este quase pupilo do Sr. P.e Cruz: julgava-se perdido econòmicamente. Correu a casa do «Santo» para este interceder por ele junto a Deus; e, para que o representante de Deus o ouvisse melhor, ajoelhou-se, como o faria se fosse confessar-se. O Santo velhinho, muito pálido e quase a tremer, perguntou-lhe: então cometeu algum pecado mortal?... Quando o «penitente» lhe disse que não, respirou e aconselhou-o a ter fé e confiança em Deus e passado pouco tempo tudo estava remediado.

Toda a vida do P.e Cruz foi um contínuo apostolado, apostolado pela prègação, mesmo quando as forças mal lho permitissem (queria morrer no seu posto) apostolado pela oração, pelas numerosas confissões de pessoas, por todo o país, que só se queriam confessar a ele, pela distribuição de esmolas, de jaculatórias, de bentinhos, de medalhas milagrosas, pelos bons conselhos e pelo exemplo. Quando o P.e Cruz, alquebrado já pelo peso dos

Prece

O' clássicos cruzeiros, que velais
Nas solitárias bordas dos caminhos,
Que amor e paz aos homens ofertais,
Num doloroso amplexo de carinhos,

Tendes em vós, gravados, pergaminhos,
Que algum poder destruirá jamais;
Novos cravos não quer, novos espinhos,
A Via-Dolorosa dos mortais.

No Golgota, no Altar, no cemitério,
Em doce transcendência de mistério,
Sois do Resgate os lídimos trofeus;

Aurora de arco-iris, que alvorece,
Sêde, velhos cruzeiros, alma em prece,
Fumo de incensos implorando os Céus.

Outubro de 1948.

MENDES SIMÕES.

Noite de Lágrimas

Vejo-o na urna, amortalhado em linho,
As mãos no peito, como uma criança;
Almas e almas a rezar baixinho
No silêncio da noite acesa e mansa.

Terminou para ele o seu caminho.
Cresce, dentro de nós, a nossa esperança.
Quem andou Portugal, do Algarve ao Minho,
Merece descansar... e em Deus descansa.

O seu corpo de asceta-peregrino
Já não se move. Cumpre o seu destino
Na morte, sobre o chão da Catedral.

Em derredor há lágrimas de luz.
E' Portugal que chora o Padre Cruz
Que os prantos enxugou a Portugal.

Noite de 2 de Outubro.

P.e MOREIRA DAS NEVES.

PENUMBRAS

VI

Brandão parecia agora de cada vez mais entusiasmado com o retrato de Maria Eugénia, mas o seu trabalho parecia não ter fim. Passava horas inteiras mais a olhá-lo e a contemplá-lo, que a retocá-lo. Durante esses transes de inspiradora e iluminada contemplação, sentia-se mais que nunca um predestinado para empresas mais árduas e difíceis. Que a sua missão e a sua mensagem de artista só se completariam e terminariam quando encontrasse a expressão, a linguagem daquela torturante actividade criadora, que era ou parecia ser a finalidade da sua vida e o próprio fundamento da sua razão de ser de artista. Sentia-se incompleto, inacabado, truncado, enquanto não desse realidade a esse sonho absorvente e indomável. Estranhos e indecifráveis fenómenos se passavam nas profundezas dessas manifestações, pois pareciam duplamente participar da obsessão do maníaco e da constância do apóstolo. Nas caóticas nubloses dos seus anseios existiam em latência os germens de uma contínua e progressiva criação, esperando da linguagem viva das cores e da magia das linhas novos símbolos e novos reflexos.

Brandão dizia muitas vezes a Ricardo: Há em mim um sentido de Beleza e de harmonia quase indecifráveis. Nas extáticas visões dos meus sonhos, dos meus permanentes delírios artísticos, verdadeiras alucinações visuais e até auditivas, perpassam e flutuam reveladoras e inspiradoras imagens, muitas vezes sem lógica, caóticas, sem nexo, fragmentos da actividade lúdica ou sexual; aéreas, disformes, sem contornos, banhadas de uma estranha luz, mas cujas cores e formas se esbatem mais ainda, com o volver da actividade consciente. A alma sente-se algemada por esta esmagadora incapacidade, como se existisse um hiato quase instransponível entre a inspiração e a capacidade realizadora, entre a criadora imaginação de um Esquilo e a clássica execução e nobre justeza de um Fídias!... Mas cá dentro, através desta senda de intuições, eu percebo a lingagem muda dum verdadeiro genesis e percebo o seu sentido inconsciente nesta ânsia obsdiiante de querer articular, exprimir e comunicar. Compreendo que me procuro a mim próprio, que me procuro defenir, criando nesta integração progressiva de constante elaboração um reajustamento consciente entre o que é sentido e elaborado, entre o meio amoldado e amoldador, entre a realidade e o símbolo, entre a Verdade e a Beleza.

Brandão há já algum tempo que começara a dar forma coordenadora ao seu grande sonho: Um quadro novo, um quadro revolucionário. Bem sabia que fora o retrato de Maria Eugénia que o inspirara e impulsionara, pois recuperava, como Anteu, de cada vez melhor, novas forças, novas energias, ao olhá-lo e contemplá-lo. Estava aí toda a sua esperança de artista. Parecia-lhe que aquelas cores, aquelas tonalidades, aquelas formas, eram como pedaços da sua vida esteriotipada, eram como degraus de uma escada sem fim, que ele podia percorrer livre do tempo e do espaço, continuamente remoçado pela seiva vivificante da beleza e da poesia! Passava tempo esquecido junto dele, com um prazer que nunca tinha sentido, parecendo-lhe então que alguém, que um ser invisível, lhe segredava novas formas, novas combinações, novas técnicas, novas perspectivas. Cerrava os olhos com inefável alegria, deixava correr o seu sonho ardente, ora sequente e lógico, ora paradoxal e fantástico! Ao abri-los, as suas mãos que ainda chegava a ver desenharem no espaço as formas vagas das suas diluidas visões, perdiam a pouco e pouco toda a motricidade, leveza e fidelidade de antes. Algumas vezes desanimado atirava com o pincel para o lado, ficando longo tempo de olhos no quadro, tentando descobrir no emaranhado das linhas e das cores, a aspirada identidade gemelar, a consubstanciada identidade como imagem reflectida do presente pelo espelho do passado. Outras vezes passeava agitado, inquieto, a passos largos, de mãos nas costas, fugindo amuado à monotonia daquelas cores, lançando olhares furtivos e estranhos camo se fosse um novo observador para obter primeiras impressões e impressõea de conjunto. Porém, o seu trabalho, o sentido da sua obra parecia mudar com as horas do dia, com a sua disposição, com os seus estados de consciência. A mobilidade eterna do que é vivo parecia passar por ele como um sopro, como o genesíaco espírito de Deus, vogando sobre as águas. Umas vezes parecia-lhe um quadro cheio de beleza caleidoscópia, geométrica, fria, sem vida, sem realidade; outras, um labirinto complicado, oferecendo sòmente por momentos o fio condutor, para uma nova realidade criada nele e por ele sentida, uma identidade espiritual e defenida por uma série de estados de consciência com marcas e níveis nas camadas do inconsciente. Quando abarcava a forma, a unidade, o conjunto em todos os seus elementos dispersos, sentia então com alvoroço uma superior correlação e reversibilidade, entre o que era reproduzido e sentido.

Era quase sempre depois de um impulso de destruição a rematar um desânimo profundo e demorado, que lhe sobrevinha o desejo selvagem de afagar com o pincel, numa carícia feroz, as formas indecisas que passavam pelo seu paraizo de artista, e era durante essa fúria que febrilmente, de olhos injectados, sem dar conta das horas, que mais trabalhava e mais produzia. Foi depois de um destes estados de exaltação artística que Ricardo entrou no atelier. Ao ver o novo quadro ficou surpreendido, mas a sua primeira impressão foi de agrado. Muito mal humorado nesse dia, sentiu-se sùbitamente invadido por um vivo sentimento de hostilidade e por isso perguntou com azedume: a esse quadro, super-realista, quase incrível, que nome lhe vais dar?

— Destinos, respondeu tìmidamente Brandão.

Ricardo balanceando ligeiramente a cabeça, e mostrando um forçado sorriso irónico tentou percebê-lo o melhor possível.

Era um quadro de cores vivas, tendo no primeiro plano dois perfis de rostos humanos inseridos um no outro e traçados com linhas rectas, angulosas e rodeados duns pés enormes, grosseiros e alados, de asas nos calcanhares como Mercúrio. Ao canto inferior direito, uma bocarra de cão, disforme, muito aberta, com dentes aguçados e compridos como punhais, com uma enorme língua, toda de fora em forma de lira com 4 cordas.

No outro canto, um cipreste empapado de verde encobrindo parcialmente o sol nascente a pingar gotas de sangue! De todo este conjunto, o que mais impressionou Ricardo foram os rostos humanos, que pareciam traduzir ora desespero, ora resignação, conforme certa percepção, pois cada um deles perdia ou adquiria qualquer destes sentimentos conforme fosse ou não adaptada ao seu próprio conjunto. Ricardo achou interessante aquele jogo de linhas e de cores; a subtileza de contraste de claros, escuros e vazios, com propriedades variáveis de lugar e de função traduzindo dois sentimentos tão expressivos.

Depois duma cuidada e longa observação disse: Fracasso é o nome que lhe deves dar. Ricardo que costumava a princípio estar sempre ao lado dos inovadores, dos reformadores e dos revolucionários, porque apesar dos exageros das suas concepções não deixavam de ser eles os criadores, alertadores e portadores dum ideal sempre vivo e sempre jóvem como a própria vida e os permanentes transmissores do germen do progresso contínuo da humanidade. Desta vez Ricardo que há alguns dias travava consigo uma luta cruel e dolorosa que o trazia acabrunhado, mal humorado, animado simplesmente pela discordância com o titulo de quadro, sentiu como nunca um inexplicável prazer de zurzir o amigo, quando no seu espírito de artista incipiente, pairava a dúvida ansiosa e medrosa sobre o seu real valor.

Totalmente levado por esse sentimento doentio como certos desejos secretos, ocultos, inconfessáveis de muitos retrogados inimigos da luz e da razão, começou a criticar aquele artista que na verdade, no seu íntimo já adquirira foros de grande.

Continua.

I. V. C.

Errata: — No número anterior onde se lê enormes castigos deve ler-se *inermes castigos*.

MINERVA, o melhor e o mais económico calçado para crianças. E' um exclusivo da **Sapataria Luso.** 989

anos, das mortificações e das doenças, acompanhava as nossas peregrinações a Lourdes e Roma, a sua figura ascética era uma das que mais impressionava as multidões, que perguntavam: quem é aquele santo velhinho?...

Os portugueses quando o viam pela primeira vez, sem que ninguém lho dissesse, adivinhavam logo quem era.

Foi, pois, grande o apostolado do P.e Cruz enquanto viveu, mas quando o Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora do Rosário o levaram para o Céu, no dia 1 de Outubro, dia da 1.ª sexta-feira do mês do Rosário, dia tão lindo e radiante de sol, como ele disse a quem lhe levou o almoço (e era numa 1.ª sexta-feira que ele desejava morrer) o apostolado do P.e Cruz multiplicou-se quase ao infinito, principalmente aqui em Lisboa. O espectáculo do que se passou nos dias 1, 2 e 3 do corrente com o corpo do grande apóstolo, na Capela das Senhoras Caldas, na Sé, nas ruas por onde passou o cortejo funerário e no Cemitério de Benfica foi mais do que extraordinário, foi impressionante e não pode descrever-se senão com as lágrimas nos olhos e o coração a trasbordar de dor e de alegria, dor porque perdemos um grande justo e alegria por termos mais um Santo no Céu a pedir por Portugal e pela Paz do Mundo.

Lisboa, 6 de Outubro de 1948.

A. B. Leite de Faria.

«Havia de ser, tantos o pensaram, um dia de grandiosa romagem popular, de gente de algo e de gente da rua, aquele em que, junto do corpo inerte do Padre Cruz, quando ele morresse, todos pudessem testemunhar-lhe a sua admiração agradecida, a sua saudade, a dor com que o veriam desaparecer do meio dos que sofrem, da vida que ele enchia de luz de resgate, de presença de Deus no seu humílimo e incansável apostolado.

E foi isto o que aconteceu.»

Logo que em Lisboa se tornou conhecida a notícia da morte do bondosíssimo Sacerdote, a romagem começou e prolongou-se ininterruptamente durante quase dois dias inteiros, sendo de cada vez maior o número de pessoas de todas as classes sociais — e a expressão de dor que em todos os rostos se via — que desfilaram ante o corpo inerte daquele que foi um grande e verdadeiro Apóstolo do Bem.

Todos se quedavam, respeitosamente, olhando pela última vez a cara pergaminhada do «Santo» — como o povo o denominava já — beijando as mãos que tanto bem espalharam e a despedirem-se do Amigo admirado que ele era, mesmo até de muitos que nunca dele se abeiraram.

Na capelinha do palacete da família Caldas Machado, onde o corpo do Padre Cruz esteve exposto durante muitas horas, o desfile foi emocionante, o mesmo se verificando depois, na Sé.

Deram-se numa e noutra partes cenas emocionantes, viram-se chorar lágrimas sinceras de saudade; ouviram-se rogos constantes e lamentações.

«Uns pretendiam tocar as vestes do Sacerdote com terços e medalhas, outros tiveram de ser impedidos de levarem lembranças dos paramentos e da batina que amortalhavam o cadáver. Não se diz, no curto espaço de que dispomos, o que foi essa manifestação de pezar, de saudade, de agradecimento — de admiração de muitos e muitos milhares de pessoas, velhos e novos, idos dos palácios e de tugúrios, portadores todos de um testemunho que fica a enobrecer a gente de Lisboa. Ao mesmo tempo, milhares de telegramas de todo o país vinham dizer que a dor daquela gente era a de toda a terra portuguesa, desse Portugal além, que soube alvoroçado do tristíssimo acontecimento.»

A suave morte do padre Francisco Cruz, após muitos e frutuosos anos de dedicação à causa do Bem, mais uma vez nos convence de que o heroísmo é conciliável com a humildade. Das suas mãos nunca saiu mais que o gesto de abençoar, de perdoar, de aliviar e de socorrer, assim como da sua boca só brotou a palavra que conforta, anima e esclarece os que andam perdidos em mentiras e enganos. Irmão espiritual de Frei Bartolomeu dos Mártires, empenhou-se numa obra de amor que se difundiu com o perfume do Evangelho.

Através duma época tormentosa, quando os ouvidos se cerravam aos incentivos da Verdade, ele por si só, com o seu exemplo, a sua bela renúncia a quanto seduz e prende os homens, permaneceu em absoluta fidelidade à doutrina que manda acudir aos que sofrem na sua carne e na sua alma, ajudando-os a subir até o pão que alimenta e salva.

* * *

Chamava-se Francisco Rodrigues da Cruz. Nasceu em Alcochete no dia 29 de Julho de 1859, contando, portanto, 89 anos completos. Ordenado em presbítero no mês de Junho de 1882, foi, após a formatura em teologia pela Universidade de Coimbra, nomeado professor de Filosofia do Seminário de Santarém. Mais tarde exerceu as funções de reitor do Colégio dos Orfãos, em Braga. Em 1925 foi nomeado cónego da Sé de Lisboa, mas o Cardeal D. António Mendes Belo atendeu o pedido de escusa que ele lhe apresentou, permitindo assim que o Padre Cruz pudesse prosseguir sua intensa obra de humanidade como missionário do Bem e protector dos abandonados da sorte e da fortuna.

Em 1940 ingressou na Companhia de Jesus, com especial autorização concedida pelo Papa, para o que proferiu votos no Seminário da Costa, em Guimarães. Essa circunstância não interrompeu em nada o seu ansioso caminhar pelos tugúrios dos bairros pobres onde um dia, num acidente, caiu e ficou muito ferido. Em Abril de 1942 visitou a ilha da Madeira, a convite do Bispo do Funchal. Também ali chegara o fulgor do seu prestígio e o eco da sua humildade e completa dedicação pelos infortunados. O povo da ilha testemunhou-lhe então, expressivamente, as mais calorosas afirmações da sua admiração e respeito.

Muitas vezes veio o Padre Cruz a Guimarães, terra a que muito queria, tendo tomado parte alguns anos na Peregrinação à Penha e visitado, sempre, os doentes e encarcerados desta cidade.

Algumas vezes aqui ouvimos a sua palavra sã e assistimos, emocionados, ao seu peregrinar pelas ruas, em busca de misérias a que pudesse acudir.

Belo exemplo o da vida deste Homem que todos admiraram e respeitaram.

* * *

A Mesa da Irmandade da Penha fez-se representar nas homenagens fúnebres por alma do Rev. Dr. Francisco Cruz, pelo Director do «Notícias de Guimarães», que acidentalmente se encontrava em Lisboa.

As disposições do novo Estatuto do Ensino Industrial e Comercial referentes ao Professorado Adjunto

De um grupo de professores, que no problema tem, justamente, o maior interesse, recebemos uma exposição, na qual se diz o seguinte, que nos parece digno de ser considerado pelas entidades competentes:

«O novo Estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial contém disposições referentes a professores adjuntos que necessitam de análise e, porventura, de emenda. A primeira dessas disposições é o artigo 580, segundo o qual, os actuais professores efectivos, que não possuam as habilitações agora estabelecidas para se ser professor daquela categoria, embora possuam as habilitações que, por lei anterior, eram obrigados a possuir, deixam de ter a categoria de efectivos e passam a ter a de adjuntos. Resulta daqui uma consequência imediata: iguais até agora, quanto a vencimento e categoria, aos outros professores efectivos, passam à nova categoria — a de adjuntos — inferior àquela e — o que é mais grave — ficam com vencimentos inferiores aos dos seus pares de ontem.

Vista apenas do ponto de vista rigorosamente jurídico — não falando do aspecto moral — essa verdadeira desclassificação é difícil de justificar. De facto, onde poderá ela fundar-se? Na base XII da Lei n.º 2.025, de 19 de Junho de 1947? Vejamos: A base XII da Lei n.º 2.025 diz: «Só poderão ser nomeados professores ordinários os candidatos habilitados com os cursos superiores a que se refere a presente base, salvo o caso dos professores que actualmente ocupem lugares nos quadros, cuja situação será difinida em regulamento».

Pensou-se em criar uma nova categoria — a de professores ordinários, mas não se criou. Os professores ordinários a que se refere a base XII são, evidentemente, os modernos professores efectivos, ou antes, os professores efectivos nos termos do novo Estatuto.

Era clara a intenção do legislador ao elaborar a base XII: o «só poderão» ficava sem efeito quanto aos «professores que actualmente ocupem lugares nos quadros». Quer dizer: ao pensar-se na criação de uma nova categoria — a de professores ordinários — desde logo se previu que nessa categoria poderiam ser investidos candidatos com cursos superiores e ainda outros que, não os possuindo, fizessem parte dos quadros. Esse justo princípio, porém, não se respeitou no Estatuto, tanto mais flagrantemente quanto é certo que a nova designação de «ordinário» não chegou a estabelecer-se e o que sucedeu foi haver professores efectivos que continuaram a ser professores efectivos e professores efectivos que passaram a ser adjuntos. A circunstância de se pertencer a um quadro, que se encarou e se procurou proteger, foi esquecida.

A legislação de 1931 (artigo 285 do Decreto n.º 20.420) era mais humana e mais justa — se é que o termo de comparação pode aceitar-se. Segundo ela, ao pessoal docente dos antigos quadros das escolas comerciais, industriais e comerciais preparatórias, de arte aplicada, de artes e ofícios e aulas comerciais eram mantidos todos os direitos conferidos pela legislação anterior, quanto a categoria, aposentação e tempo de serviço, e, por essa própria legislação, quanto aos que ela consignava. O princípio do artigo 580 do moderno Estatuto nem está de acordo com a base XII, já citada, e contraria, não só o princípio do artigo 385 do Decreto n.º 20.420, como todos os princípios tradicionais: Merece, pois, melhor dizendo, precisa de uma revisão, que não deve deixar de conduzir à sua modificação no sentido de garantir direitos adquiridos. Para fazer ideia da injustiça que representa para os professores atingidos, basta comparar a situação em que ficam com a dos oficiais do Exército ou da Armada, vindos de cursos teóricos ou de cursos práticos, cuja categoria é igual e dada pela patente que possuem.

Normas de efeito futuro são uma coisa; normas que, de algum modo, representam ou traduzem efeito retroactivo são pura e simplesmente inconstitucionais. Serão menos médicos os formados segundo qualquer das leis anteriores à que recentemente foi promulgada? Deixou de ser casado quem casou no regime anterior do que actualmente vigora?

E não se diga que aos professores atingidos se dá a possibilidade de virem a ser efectivos. Na verdade, o caminho que se lhes indica, o de virem a adquirir alguma das habilitações correspondentes a essa categoria nos termos em que foi agora estabelecida, é pràticamente inviável para todos eles. E' no fim de uma carreira percorrida em longos anos de serviço, cumprindo todos os preceitos, satisfazendo todas as normas e exigências legais, que alguém pensará em voltar atrás e em vir a ser até aluno de antigos alunos seus? Decididamente, a disposição do artigo 580 deve ser revista.

Outro ponto, ainda quanto a professores adjuntos, agora não os que passam automàticamente a essa categoria, mas aqueles que pretendam adquiri-la, merece também análise cuidada. Podem ser admitidos ao estágio (artigo 228 do Estatuto) indivíduos que possuam determinadas habilitações. Simplesmente, para determinados grupos exigem-se habilitações impossíveis de obter, porque pertencem a cursos universitários diferentes e porque outras disposições proíbem a frequência simultânea de dois cursos daquele tipo. A hipótese do 11.º grupo é flagrante, designadamente quanto à cadeira de Geometria descritiva e estereotomia, das Faculdades de Ciências, que não existe em nenhum dos cursos que constituem habilitação para professores efectivos. Quer dizer: exige-se aos professores adjuntos uma cadeira que os efectivos não podem possuir e que também não se lhes exige.

Tudo indica, como se vê — e podia levar-se mais longe a análise do artigo 228 do moderno Estatuto — a necessidade de uma revisão cuidada».

(Do «Século» de 3-10-48)

N. da R. — A propósito desta transcrição, aproveitamos a oportunidade que nos oferece este facto para nos associarmos à justiça que deve ser feita aos professores atingidos por algumas das disposições do Estatuto do Ensino Técnico Profissional no sentido de serem tomados em devida consideração os seus direitos adquiridos e, portanto, no sentido de não serem colocados em desigual situação de categoria e de vencimento professores que, ao abrigo de disposições anteriores, se encontravam em iguais condições de regalias. Evidentemente, que, uma lei de efeitos retroactivos não poderá deixar de afectar os preceitos constitucionais, razão por que o caso em questão se torna digno da mais ponderada e escrupolosa atenção, o que, por certo, vai suceder, a fim de que nem material nem moralmente sejam prejudicados professores que durante longos anos de serviço têm dado provas da sua competência profissional e das suas qualidades pedagógicas.

De esperar é, pois, que o ilustre titular da Pasta da Educação Nacional e todo o Governo analisem a crítica situação dos professores atingidos — os adjuntos — e lhes façam a devida justiça, com o que mais prestigiado ficará o próprio Poder Central.

FARPAS

Após uma longa ausência,
Em que reinou a indulgência,
Vou voltar a escrever.
Se o bom leitor não gostar
Não leia. Pode rasgar
Ou outra cousa fazer...

Não foi por me ameaçarem
Ou, em cartas, me insultarem
Que eu fiquei mudo e quedo.
O que escrevo é verdadeiro,
Procuro ser justiceiro
E, assim, não tenho medo.

'Stou disposto a martelar
No que possa envergonhar
A minha terra querida.
Fazê-la subir, com jeito,
Ao grau a que tem direito,
Hoje, amanhã, toda a vida.

Continuar na batalha
Ao lado de quem trabalha
Pelo meu natal torrão...
E à carroça do correio
Atirar, sem ter receio,
Um venenoso farpão.

Dar pancada ao garotio
Qne em constante desafio
A quem o tem perseguido,
Teima e não desaparece...
E faz o que lhe apetece
Sem medo de ser vencido!
.....

Perguntar a toda a gente
Que é injusta e maldizente,
Que intriga e calunia,
Se este VÍCIO não é feio!
Se mete a mão no seu seio
E a retira... VAZIA!

Darmoa

D. Domingos da S. Gonçalves

S. Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, Venerando Bispo Coadjutor da Guarda, antes de partir para a sua Diocese, teve a gentileza de apresentar os sens cumprimentos de despedida ao «Notícias de Guimarães», tendo nos dirigido, a propósito, algumas palavras que calaram profundamente no nosso espírito.

Muito gratos nos confessamos ao ilustre Prelado por tão cativante atenção, ao mesmo tempo que fazemos votos pela conservação de sua preciosa saúde e pelas maiores prosperidades no desempenho da espinhosa missão que lhe está confiada.

Um pé delicado e um sapato distinto, factores da elegância feminina.

Sapataria Luso, tem com certeza o sapato de seu pé. 987

Futebol

Vitória, 3. Boavista, 1.

No encontro de domingo no Campo da Amorosa o Vitória não conseguiu ir além de 3-1 perante o Boavista, que se apresentou sem alguns dos seus titulares. Não foi, diga-se em boa verdade, por que o Vitória não jogasse o suficiente para fazer subir muito mais o resultado a seu favor, mas a pouca sorte não lho consentiu. O seu avançado-centro viu goradas inúmeras oportunidades, por infelicidade umas, mas outras por falta de serenidade na execução do lance final.

No primeiro tempo cada equipe logrou um golo; aos dez minutos o do Boavista, por Vieira, e a oito minutos do intervalo o do Vitória, por Franclim. Na metade final os vimaranenses asseguraram normalmente o triunfo, graças à superioridade que puderam manifestar. Franclim marcou mais duas vezes — aos cinco minutos transformando uma grande penalidade e perto da meia hora dando seguimento a um passe de Teixeira da Silva.

Arbitrou o encontro o Sr. António Serrano, de Lisboa.

Pelo Vitória alinharam: — Machado, Curado, Costa, Ferreira, Jorge, Luciano, Rebelo, Miguel, Teix. da Silva, Custódio e Franclim.

Pelo Boavista: — Carlos, Raimundo, António Caiado, José Caiado, Chaves, Garcia, Ramos, Luzia, Pereira, Fernando Caiado e Vieira.

VISITA PASTORAL

No dia 17 do corrente vem S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz em visita pastoral à freguesia de S. Paio, desta cidade, em prosseguimento das visitas pastorais que anda a fazer a todas as freguesias do Arciprestado. Naquele mesmo dia, de manhã, visitará S. Martinho de Sande.

A' freguesia de S. Paio deve chegar pelas 15 horas. Se o tempo o permitir, paramentar-se-á, à chegada, na capela de S. Crispim, seguindo de lá, procissionalmente, debaixo do pálio, para o templo da Misericórdia, devendo incorporar-se no préstito as crianças da catequese, Cruzada Eucarística com as suas bandeiras, Escuteiros, Confraria do SS.mo Sacramento e mais Irmandades, Organismos da Acção Católica, etc. Se chover ou ameaçar chuva o Sr. Arcebispo será recebido e paramentar-se-á no templo da Misericórdia. Aí administrará o Crisma a crianças e adultos que desejem receber este sacramento e procederá aos demais actos próprios da Visita Pastoral.

— No passado dia 6 o Sr. Arcebispo Primaz fez a Visita Pastoral à freguesia de Polvoreira, onde foi recebido festivamente, pelo pároco e pelo povo.

Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos

O Sr. Sub secretário de Estado da Assistência Social acaba de conceder, a pedido do Chefe do Distrito, uma verba eventual de 40 contos, destinada a aumentar o número de protegidos pela Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, de Guimarães.

CURSOS DE GINÁSTICA

Sob a superior direcção da distinta professora Sr.ª D. Margarida Tamegão, iniciaram-se os cursos de Ginástica educativa e médica, que funcionam às terças e sextas-feiras, pelas 17 horas, no Grémio do C. de Guimarães, achando-se já inscritas numerosas crianças desta cidade.

BONECAS, IMAGENS

SACRAS E MANEQUINS

A «FABRICARTE», em Vila Nova de Gaia, fabrica com o máximo de perfeição e garantia e faz toda a espécie de reparações e pintura nestes artigos.

Pedir orçamentos, Largo dos Aviadores, 81. 988

Para a Diocese da Guarda

seguiu o Senhor D. Domingos

Continuação da 1.ª página

Costa (Aldão); os Presidentes das Câmaras de Fundão e de Gouveia, Dr. Celestino Monteiro e Dr. Santos Júnior; Dr. Ismael Gamboa, de Trancoso; Major José Soares Matos, Comandante Regimental; Comandante da G. N. R. e muitas outras individualidades da Guarda, de que nos foi impossível tomar nota.

Entre as numerosas pessoas que de Guimarães se deslocaram à Guarda: médicos, sacerdotes, professores, advogados, proprietários, industriais, comerciantes, etc. etc., foi-nos possível tomar nota de alguns nomes, que representavam diversas instituições: Comendador Augusto Borges de Sá, presidente das Oficinas de S. José; Padre Ministro do Seminário da Costa, António Emílio Ribeiro, Presidente do Grémio do Comércio; José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante da L. P.; António José Pereira Rodrigues, Presidente do Asilo de Santa Estefânia; P.e José Carlos Simões de Almeida, Director do Internato Municipal e Secretário da Irmandade dos Santos Passos, que representava o Juiz Sr. António José Pereira de Lima; Dr. Leopoldo Martins de Freitas, Ministro da V. O. T. de S. Francisco; Alberto Costa, representando a S. M. S., etc. etc.

Estavam presentes todos os membros da Direcção das Oficinas de S. José, componentes da Irmandade e da Comissão de Melhoramentos da Penha, os Srs. Cónego Moita Reis, que representava o Senhor Arcebispo Primaz e Dr. Manuel Ferreira, Lente da Universidade do Porto, amigo íntimo e condiscípulo do Prelado; um grupo de internados das Oficidas de S. José com o seu novo Director, Rev. António Alberto Ribeiro, etc..

Quando o cortejo chegou ao espaçoso Largo da Sé, já ali se achavam reunidos milhares de pessoas que, com estrondosas salvas de palmas e vivas e flores, acolheram o seu novo Bispo, enquanto que os sinos repicavam festivamente.

Na Sé achava-se o Senhor D. José Alves Matoso, o Venerando Bispo da Diocese que recebeu, na sala capitular, as credênciais do Senhor D. Domingos, enquanto que a assistência, numerosa e selecta, ia tomando os lugares que lhe eram destinados.

Momentos depois, sentado junto do altar-mor o Senhor D. José Matoso, de capa e arminho, saudou o seu Bispo Coadjutor de quem recebera momentos antes as letras apostólicas.

A sua alma rejubila ao fazer a feliz apresentação do Senhor D. Domingos, desejando que todos participem jubilosamente daquele acontecimento, cantando hossanas ao Senhor.

— A vinda do Senhor D. Domingos é graça inefável de Deus para a nossa Diocese. Amai-o como eu sinto que nos tendes amado a nós.

Sauda o Senhor D. Domingos, a quem dirige palavras de boas-vindas e de muita admiração, saudando-o efusivamente com as homenagens do Clero da Diocese.

E termina:

— Deus abençoe largamente o seu Apostolado.

Seguidamente o novo Bispo Coadjutor sobe ao púlpito para falar: Começa por saudar a Guarda, essa terra tão portuguesa e cristã como o ninho dos seus encantos.

Agradece aos seus amigos que de longe o foram acompanhar até junto da nova e dilecta família da Guarda que o havia recebido assim, de braços abertos, tão fidalgamente, e diz-lhes a todos: Bem hajam!

Ei-lo no seu posto de honra e de pacífico combate e conforta-o saber que tudo o que se passa em sua volta é obra do Senhor.

Fala depois ao Rebanho que — diz — já entrou deveras e de vez no coração. Confia no socorro da Mãe Omnipotente, nas bênçãos do Senhor, na poderosa intercessão do Coração de Maria, Excelsa Rainha deste povo; na benevolência, conselhos e luzes dos dois ilustres Prelados da Gloriosa Diocese, por cuja existência preciosa pede a Deus. Confia nos ilustres Magistrados da terra, na colaboração dos prestimosos membros do Cabido, na virtude e zêlo do clero com o qual deseja, espera e quer viver como um irmão mais velho com os seus inseparáveis irmãos; confia na oração e trabalho das congregações religiosas cujos obreiros oxalá se multipliquem como as estrelas do Céu, para bem das criancinhas e dos desafortunados.

Confia ainda, na boa vontade de pais e filhos, de patrões e operários, de adultos e jovens para o maior incremento da Acção Católica.

E numa última palavra aos seus Diocesanos:

— Para vós a minha vida inteira, tudo quanto tenho, tudo quanto sou.

Seguidamente o Senhor D. José Matoso entoou o solene *Te-Deum* que foi primorosamente cantado pelo grupo coral do Seminário, terminando os actos com a Bênção do SS.mo Sacramento.

Houve, finalmente a cerimónia do Beija-mão, que foi emocionante e à noite, no Paço Episcopal, o Senhor D. José Matoso ofereceu um banquete em honra do seu Bispo Coadjutor, a que assistiram todos os Prelados a que atrás nos referimos, assim como outras individualidades da Guarda e de Guimarães.

* * *

Os Srs. Dr. Nicolau Gonçalves e José da Silva Gonçalves, irmãos do novo Bispo, suas irmãs, esposas e outras pessoas de família, também assistiram a todos os actos realizados.

— Por honrosa incumbência recebida o nosso Director representou nas solenidades o Rev. Joaquim Ferreira da Silva, ilustrado Reitor de Serzedelo, ausente em Lisboa, de quem recebeu um telegrama nesse sentido.

— O Senhor D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo de Braga, veio propositadamente a Guimarães, despedir-se do Senhor D. Domingos, no passado dia 6.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 7, a senhora D. Ana Glória Belino Pereira Mendes Oliveira; no dia 10, o nosso prezado amigo sr. José Ribeiro Dias; no dia 11, o nosso prezado amigo sr. Bernardino Faria Martins e o menino Manuel José, filho do nosso prezado amigo sr. Amadeu José de Carvalho e de sua esposa; no dia 12, o nosso bom amigo sr. Capitão Henrique Alberto de Sousa Guerra Júnior; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. José Maria Nunes de Vasconcelos e Vasco Oliveira Bastos; no dia 15, os também nossos prezados amigos srs. Luís Filipe Gonçalves Coelho, distinto professor do Ensino Liceal e nosso estimado Colaborador, e Augusto Joaquim da Silva, activo solicitador encartado; no dia 16, o nosso prezado amigo sr. Fernando Francisco Loureiro Moreira e a interessante menina Alda, filhinha do nosso prezado amigo e distinto advogado sr. Dr. Francisco Pinto Rodrigues; no dia 17, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Vital Marques Rodrigues e a sr.ª D. Francisca de Oliveira Abreu, mãe do nosso prezado amigo sr. Manuel de Freitas.

— Fez anos há dias o nosso prezado amigo sr. Augusto Aguiar, distinto funcionário da Secção de Engenharia da Câmara.

"Notícias de Guimarães„ apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Doentes

Tem experimentado sensíveis melhoras o nosso prezado amigo sr. António José Pereira de Lima, que últimamente tem passado encomodado.

Desejamos o seu breve restabelecimento.

Partidas e chegadas

Tem estado nas Termas de S. Pedro do Sul a nossa ilustre Colaboradora senhora D. Aurora Jardim.

— Tem estado na Régua o nosso prezado amigo sr. João Teixeira de Aguiar.

— De visita ao seu e nosso amigo, sr. Ricardo Vieira de Amorim Júnior, Chefe da Secretaria do Liceu de Martins Sarmento, esteve nesta cidade o capitalista sr. Manuel Lopes Ferreira, de Braga.

— Esteve em Lisboa, onde foi propositadamente assistir ao funeral do Rev. Francisco Cruz, o nosso prezado amigo sr. Dr. José da Conceição Gonçalves.

— Também esteve em Lisboa, acompanhado de sua Esposa, o nosso prezado amigo sr. Comendador Artur Cupertino de Miranda, ilustre Presidente do Conselho de Administração do Banco Português.

— Também esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. P.e Joaquim de Almeida Ferreira da Silva, ilustrado Reitor de Serzedelo.

— Encontra-se a veranear, com sua esposa, na Póvoa de Varzim, o nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado.

— De Monte Real regressou o nosso prezado amigo sr. Dr. Alvaro Carvalho.

— Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso querido amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior.

— Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. José Ramos Camisão e Joaquim António da Cunha Machado.

— Esteve em Lisboa, de onde regressou ontem à sua casa desta cidade, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Dr. Mariano Felgueiras.

— Na terça-feira e acompanhado de seu filho regressou a Lisboa o nosso querido amigo e distinto Pintor de Arte, Prof. sr. Abel Cardoso.

— Têm estado com suas famílias nas suas propriedades, os nossos bons amigos srs. Dr. Carlos Saraiva, Manuel Joaquim Pereira de Carvalho e Luís Gonzaga Pereira.

— Partiu para Pinhel, afim de tomar posse do lugar de Juiz de Direito da mesma Comarca, a que foi promovido, o sr. Dr. Alberto Pita da Costa, que na estação do caminho de ferro teve uma afectuosa despedida.

— Regressou de Fão o nosso prezado amigo sr. P.e Avelino Pinheiro Borda.

— Regressou a Santarém o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Dr. Armando Joaquim Crespo Guimarães.

— Esteve em Landim, de onde já regressou, o nosso prezado amigo e ilustrado Prior de S. Paio, Rev. Luís Gonzaga da Fonseca.

— Tem estado nesta cidade o nosso querido conterrâneo e amigo e distinto Oficial da Armada, sr. 1.º Tenente Carlos Alberto Teixeira da Silva.

— Regressou da Bélgica, com sua esposa, o nosso prezado conterrâneo sr. Francisco Martins da Costa (Aldão).

— Partiu para a Suiça o nosso prezado conterrâneo sr. José Manuel da Silva Carvalho.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Dr. Inácio Ferreira Marques

Na sua quinta, em S. Martinho de Sande, Caldas das Taipas, faleceu o Sr. Dr. Inácio Ferreira Marques, de 60 anos, proprietário. Pela sua cultura, inteligência e fino trato, o Sr. Dr. Inácio Ferreira Marques era muito respeitado e estimado na melhor sociedade de Lisboa. Era pai da Sr.ª D. Maria Teresa Ferreira Marques Soares Pereira, casada com o Sr. Dr. Luís Torres Pereira, genro da Sr.ª D. Lígia Patrício Fratel e cunhado dos Srs. Francisco e Henrique Pinto Balsemão, respectivamente, presidente dos conselhos de administração e fiscal da Sociedade Industrial de Imprensa, proprietária do nosso prezado colega «Diário Popular».

O seu cadáver foi removido para Lisboa, realizando-se o seu funeral, que constituiu uma grande manifestação de pesar, para o cemitério do Alto de S. João.

D. Joaquina Maria Ribeiro

Com 68 anos de idade, faleceu em casa de seu genro o nosso bom amigo e estimado Chefe dos Serviços dos Sindicatos de Panificação, Metalurgia e Curtumes, Sr. António de Pádua da Silva, a Sr.ª D. Joaquina Maria Ribeiro, viúva, mãe estremosa da Sr.ª D. Joana Rosa da Silva.

Os seus funerais efectuaram-se no Domingo às 8 horas, na Igreja paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, assistindo aos mesmos muitas pessoas dedicadas à família enlutada.

A esta, em especial ao nosso amigo o Sr. António de Pádua, e a sua esposa, o nosso muito pesar.

Luís de Moura Nunes

No Hospital da Misericórdia, onde se encontrava em tratamento, finou-se o Sr. Luís de Moura Nunes, casado com a Sr.ª D. Beatriz Nunes, irmão da Sr.ª D. Cândida de Moura Nunes Lopes e cunhado do Sr. Rafael Pereira Lopes e sobrinho do Sr. P.e Gaspar Nunes, tendo se efectuado o seu funeral na sexta-feira para o cemitério de Atouguia.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

De luto

Pelo falecimento de uma sua tia, ocorrido recentemente em Fão, guarda luto o nosso prezado amigo e ilustrado sacerdote Rev. Avelino Pinheiro Borda, a quem endereçamos o nosso cartão de condolências.

Missa do 7.º dia

Comemorando o 7.º dia do falecimento do inditoso António da Silva Freitas, filho querido do nosso prezado comarada e amigo Sr. J. Gualberto de Freitas, rezou-se, na terça feira, às 8 horas, no templo de Nossa Senhora da Oliveira uma missa por sua alma.

Assistiram a família dorida e muitas pessoas das suas relações, assim como as internadas do Asilo de Santa Estefânia.

Diversas Notícias

Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao L. do Toural.

Assalto a um escritório

A Firma Jordão, Filhos & C.ª Lda. comunicou à Polícia que, na noite de segunda para terça-feira, ratoneiros desconhecidos entraram no seu escritório pelo telhado, saindo pela janela, roubando ali uma importante quantia.

Foto-Beleza, de Braga

Foi-nos gentilmente oferecido pela FOTO-BELEZA, da cidade de Braga, a fotografia do saudosíssimo Padre Francisco Cruz, que hoje inserimos juntamente com a notícia da sua morte.

Registamos com vivo reconhecimento aquela oferta.

Sapataria Luso, a primeira, a dar as últimas novidades em calçado. 988

SÓCIO para desenvolvimento de Fábrica de Tecidos, precisa-se. Carta à Redacção. 981

Piano De 1/4 ou 1/2 cauda, bom, deseja se comprar. Informar o Sr. Ribeiro — Hotel do Toural.

Atenção à 4.ª página

ANÚNCIO

Faz público que, por escritura de 24 de Março último, lavrada a fls. 92 v. e seg. do respectivo livro n.º 532, do cartório a cargo do notário de Secretaria Notarial da Comarca de Guimarães, sita na Rua Trindade Coelho, n.º 4, Ernesto Ramos Faísca, foi constituída uma sociedade por cotas, digo sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, entre Donas Maria Cândida Ferreira e Casimira Lopes de Magalhães, casadas, de ocupação doméstiça, residentes nesta cidade, com autorização de seus maridos, respectivamente Delfim da Silva e António da Silva, aquele empregado de escritório e este empregado no comércio, residentes nesta mesma cidade, a qual será regida pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação A Flor das Taipas, Limitada.

2.º

A sua sede é na Vila das Taipas, deste Concelho de Guimarães.

3.º

A duração da sociedade é por tempo indeterminado e tem o seu início no próximo mês de Abril.

4.º

O objecto da sociedade é o exercício do comércio de café, cervejaria, artigos de pastelaria e qualquer outro ramo de negócio que a sociedade resolva explorar com excepção do bancário.

5.º

O capital social e de cinco mil escudos, dividido em duas cotas de dois mil e quinhentos escudos cada uma, cada uma pertencente a cada uma das sócias, e acha-se integralmente realizado em dinheiro.

6.º

A cessão de cotas só é permitida entre os sócios, tendo sempre a sociedade o direito de opção.

7.º

A gerência da sociedade, será exercida por ambas as sócias, sem remuneração e com dispensa de caução, podendo qualquer delas assinar todos os documentos que digam respeito aos negócios sociais, não podendo porém, a firma social ser empregada em assuntos estranhos aos negócios sociais, sob a cominação de ficar a gerente que o fizer responsável pelos prejuizos que de tal facto resultarem à sociedade e perdendo os seus lucros no ano em que a infracção for cometida.

8.º

As assembleias gerais, nos casos em que a lei não exija formalidades e prazo, serão convocadas por cartas registadas com a antecedência de cinco dias, pelo menos.

9.º

Os lucros e perdas serão repartidos na proporção das cotas.

10.º

A sociedade não se dissolvará pela morte ou interdição de qualquer sócio, digo qualquer dos sócios, mas, continuará com os herdeiros do falecido ou representante do interdito, que escolherão entre si um que os represente na sociedade e o outro ou outros sócios.

11.º

Em trinta e um Dezembro de cada ano, será dado um balanço que deverá estar concluído e aprovado dentro dos sessenta dias subsquentes.

12.º

Em todo o omisso regularão as disposições da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação aplicável. Razurei «social» «realizado» «emendei» «comércio» «sociedade».

Guimarães, 8 de Abril de 1948.

O ajudante da Secretaria Notarial,

Martinho da Silva.

Notícias de Guimarães n.º 871-10-10-948

Teatro Jordão APRESENTA **HOJE, às 15 e às 21 horas**

Um sonho, um beijo e uma canção

Um trepidante espectáculo de Ritmo, Cor e Alegria, com: *Martha Vickers, Jach Canson, Dennis Morgan, Janis Paige,* etc.

Quarta-feira, 13, às 21 horas:

ROBERT YOUNG em

CLAUDIA E DAVID

A história da mulher mais querida e do homem mais terno do mundo!

Sexta-feira, 15, às 21 horas:

OS GINETES DA MORTE

Com: *Randolph Scott, Robert Ryan,* etc.

A mais épica aventura do Oeste.

Luta de morte! Homem sem lei! A lei do mais forte! O crime sem castigo!

BOLINHA DA SORTE

João Fernandes (Maneta)

GUIMARÃES

Abriu um novo estabelecimento ao público com lotarias, tabacos, papelaria e miudezas, na Rua de Santo António, 111.

Prefira esta Casa e experimentará V. Ex.ª o caminho da sorte.

Quem sabe lá? 994

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell„, Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

Pela 3.ª secção da secretaria judicial desta comarca de Guimarães, correm éditos de 20 dias citando os crèdores desconhecidos do executado Pedro Nunes de Freitas, casado, comerciante, morador na rua do Abade de Tagilde, desta cidade de Guimarães, para deduzirem os seus direitos na execução sumária que contra este move Almerindo Jaime Correia de Oliveira Bastos, casado, industrial, da rua de Costa Cabral n.º 630, da cidade do Porto, nos termos do art.º 865.º do Código do Processo Civil.

Guimarães, 2 de Outubro de 1948.

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva. 997

O Chefe de Secção,

Albino Leite da Silva.

Explicações

Pessoa devidamente habilitada lecciona para:

Curso Comercial;
1.º Ciclo do Liceu;
Exame de admissão ao Curso Comercial e Liceu;
1.º e 2.º graus de Instrução Primária;
Concursos para os Correios.

Pedir informações das 8 às 10 horas e das 18 às 20 horas na Praça de S. Tiago, 28.

982 — Guimarães.

Sapataria Luso

Duas palavras, três predicados em matéria de calçado:

Elegância-Conforto-Distinção.

986

VENDE-SE

— Uma casa com quintal na esquina da Rua Nova com a Rua José Florêncio Soares — Fafe.

— Um campo no lugar da Bouça, freguesia de Medêlo — Fafe, conhecido pelo campo de Viade, junto ao rio do Soeiro.

— Uma coutada e uma sorte de mato, pegadas, junto à estrada para Revelhe, na freguesia de Medelo — Fafe, conhecidas respectivamente por Bico do Ribeiro e Sargaça.

Recebem-se ofertas em separado para a casa ou campo com matos até 31 de Outubro. Para falar dirigir-se à Casa das Paredes — Medelo — Fafe.

Cão de coelho

Desapareceu nesta cidade no dia 25, de tarde. Dá pelo nome de «Romeiro», de cor vermelha.

Procede-se a todo o tempo contra quem o retiver.

Presta esclarecimentos João Artur Baptista, Rua de Camões. 996

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

Rua da Restauração, 318—PORTO

AVISO

Manifesto de Produção de Vinhos Verdes e Vinhos de Produtores Directos

Em conformidade com o estabelecido no Regulamento da Produção e Comércio dos Vinhos Verdes, Decreto-Lei n.º 16.684, de 22 de Março de 1929, e Decreto-Lei n.º 34.054, de 21 de Outubro de 1944, e mais legislação em vigor,

TORNA-SE PUBLICO:

Que, todos os Viticultores da área demarcada dos Vinhos Verdes, sejam Proprietários, Usufrutuários, Arrendatários ou Possuidores por qualquer título legítimo, ficam obrigados a fazer o manifesto de produção dos seus vinhos — verde tinto, verde branco e de produtores directos — da presente colheita, até ao dia 5 de Novembro do corrente ano.

Que, os Viticultores devem declarar no manifesto, separadamente, quais as quantidades de vinho que destinam para a venda e para consumo da sua casa agrícola e indicar também quais os saldos de colheitas anteriores ainda existentes nas adegas.

Que, a importância a pagar, no acto deste manifesto, é de $00,5 por cada litro de vinho produzido — verde tinto, verde branco e de produtores directos, sob pena de multa de $05 a 1$00 por cada litro de vinho eximido ao pagamento desta taxa, podendo esta multa, no caso de reincidência, ser substituida pela apreensão do vinho e vasilhame. (Decreto-Lei n.º 34.054, de 21 de Outubro de 1944).

Que, a falsidade dos manifestos consiste em se declarar como produtores pessoas diferentes do verdadeiro viticultor e como produzidas e destinadas à venda quantidades diferentes das realmente produzidas e destinadas à venda.

Que, é proibido aos Viticultores disporem dos seus vinhos verdes, que destinarem para a venda, sem darem baixa, nos respectivos manifestos, das quantidades que venderam, consumiram, ou, se tornaram impróprias para consumo público, sob pena de multa de $05 por litro de vinho em transgressão. (Decreto-Lei n.º 16.684, de 22 de Março de 1929).

Que, é igualmente proibido aos Viticultores fazerem eles próprios a condução dos seus vinhos sem os haverem prèviamente documentado com guias de trânsito ou certificados de origem, sob pena de multa de 1$00 por cada litro de vinho verde encontrado em trânsito indocumentado. (Decreto-Lei n.º 16.684 de 22 de Março de 1929).

Que, o Decreto-Lei n.º 28.783, de 23 de Junho de 1938, proibe a venda e o trânsito de vinho de produtores directos ou lotados com estes.

Os referidos vinhos, quando encontrados nos lugares de venda ou noutros, com destino ao consumo público, serão apreendidos e desnaturados, e encerrados os estabelecimentos de venda, em que for encontrado o vinho ou aos quais se destinar, pelo prazo de um mês; e, em caso de reincidência, por três meses.

Quem tiver lançado no consumo público vinhos de produtores directos, ou lotado com estes, embora o vinho não seja encontrado, incorre na multa igual ao valor do vinho, se a quantidade for conhecida, ou na multa de **Esc. 500$00 a 5.000$00** conforme as circunstâncias.

Incorrem na mesma pena os que tiverem transportado o vinho de produtores directos ou lotado com estes.

TORNA-SE AINDA PUBLICO:

Que, compete ao comprador de vinhos pagar a taxa de $02 por cada litro de vinho verde transaccionado, sob pena de multa de $05 a 1$00 por cada litro de vinho, podendo esta multa, no caso de reincidência, ser substituida pela apreensão do vinho e vasilhame. (Decreto-Lei n.º 34.054 de 21 de Outubro de 1944).

Que, os vinhos verdes não podem, legalmente, transitar, ser expostos à venda, exportados, etc., sem que as respectivas remessas estejam devidamente documentadas com guias de trânsito ou certificados de origem, documentos estes que são emitidos, por Delegações da Comissão de Viticultura, nos Grémios da Lavoura.

Porto e Sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, 30 de Setembro de 1948.

O Presidente da Comissão Executiva,

990

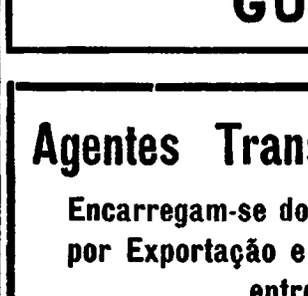
a) ***Manuel de Espregueira e Oliveira.***

UM GRANDE SUCESSO...

AMALIE 100% PENNSYLVANIA MOTOR OIL

O MAIS OLEOSO DOS ÓLEOS!

Eis o motivo porque o **AMALIE Motor Oil** é um êxito tão assinalado entre os motoristas de todo o mundo. Pelo seu uso constante, eles verificam que a maior oleosidade do **AMALIE Motor Oil**, representa maior protecção, melhor aderência às peças metálicas, muito menos desgaste, e menos desarranjos.



L. SONNEBORN SONS, INC.
REFINARIAS: PETROLIA & FRANKLIN, PENNA, E. U. A.
FÁBRICA: NUTLEY, N. J., E. U. A.
DISTRIBUIDORES:
T. DE MACEDO AFONSO, L.DA
Rua do Bolhão, 216 — Telefone, 27081 — PORTO

GARAGEM SOARES
ESTAÇÃO DE SERVIÇO — ELEVADOR DUPLO
Recolhas - Lavagens - Lubrificações
Cargas de baterias e reparações de automóveis
AVENIDA CONDE DE MARGARIDE
TELEFONE, 4458
GUIMARÃES
940

Agentes Transitários e Camionistas
Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.
JOSÉ DE MELLO & C.ª
Casa fundada em 1828
ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 87 — PORTO
com Armazens de Retem e Depósitos
(Area coberta: 3.000 metros quadrados)
EM MATOSINHOS:
R. do Brito Capelo n.º 912 e R. do Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

FERRA & IRMÃOS, L.DA
JOALHEIROS FABRICANTES
941
Execução perfeita em jóias que fabricam
RUA DE CAMÕES, 26 GUIMARÃES TELEF. 4160 P. F.
END. TELEG. IRMÃOS

SOCIEDADE ÓLEOS INDUSTRIAIS, L.DA
PRODUTOS QUÍMICOS PARA AS INDÚSTRIAS TEXTEIS E CURTUMES
Armazém: Largo Cónego José Maria Gomes, 39
END. TELEG. SOIL
Escritório: Rua de Camões, 28
GUIMARÃES
942

ARAME E FERRO T
PARA RAMADAS
Consultem a Casa que mais barato vende
Reinaldo, Martins & Gonçalves, L.da
R. Paio Galvão — Telf. 4121.
965